



Resenhas



Drummond Revisitado

Maurício Silva*

DAMAZIO, Reynaldo (org.). *Drummond Revisitado*. São Paulo, Unimarco, 2002

Drummond foi, como poucos autores de sua época, o poeta do cotidiano, daqueles pequenos nada da vida que caracterizam também um Manuel Bandeira e que concedem à poesia um estatuto artístico não exatamente pelos temas escolhidos, mas sobretudo pelo modo como são esteticamente elaborados. Buscando equacionar os mais candentes dilemas da existência humana, Drummond alcançou, portanto, notoriedade como uma das raras vozes de nossa lírica que souberam colocar num tom pouco sublime *acontecimentos* imponderáveis do nosso dia-a-dia, sempre de maneira a mesclar – de modo bastante sutil – crítica e complacência, vigor e desconfiança, otimismo e desilusão.

* Professor no Centro Universitário FMU, São Paulo.

É, aliás, a *desilusão drummondiana* a tônica de um dos recentes livros sobre Drummond, organizado por Reinaldo Damázio (*Drummond Revisitado*. São Paulo, Unimarco, 2002). Sem se tratar de um *tema* propriamente dito, este tópico acaba servindo de elemento unificador dos vários ensaios críticos que compõem a obra, buscando assim uma homogeneidade que raramente se encontra em coletâneas críticas sobre uma obra tão múltipla como é a poesia do bardo mineiro. Desilusão, aqui, traduz-se por diversos conceitos que, embora nem sempre irmanados por uma correspondência significativa, têm, muitas vezes, seus limites semânticos compactuando de uma mesma injunção pragmática: melancolia, interrupção, resíduo, *gauche*.

Iniciando com “Notas à Margem da Leitura de Drummond”, Tarso de Melo afirma que a poesia de Drummond ocupa posição central no referencial poético brasileiro, atuando como formadora de opinião tanto de leitores quanto de críticos. Bem assimilada por todos os que o lêem – parcial ou integralmente –, a poesia de Drummond promove, assim, uma espécie de invenção da nação e da língua brasileiras, unificando, além disso, a própria criação poética nacional. Expressão literária representativa do século XX, sua poesia é um amplo painel dos acontecimentos contemporâneos, “uma espécie de leitura grave e profunda de quase todas as coisas da vida, lançadas num turbilhão de palavras que invadem cada recanto dos fatos simbólicos” (p. 26).

Em “Melancolia ‘Gauche’ na Vida”, Sérgio Alcides afirma que, já nos seus primeiros livros, Drummond enfeixa todos os temas que compõem sua poesia, os quais são elaborados sob o “ângulo da melancolia” (p. 31). Tal sentimento de melancolia, que se traduz essencialmente como confronto entre o sujeito e o mundo, não está isento da ironia: “Drummond escreveu sua obra poética (...) sob o signo da melancolia, mas obrigado pelo esvaziamento ‘literário’ desse conceito a fugir de sua enunciação direta e partir para uma estratégia de ironia e alegorização” (p. 32). Influenciado por Baudelaire, misturando a uma atmosfera decadente certo satanismo (como em *Claro Enigma*), o poeta mineiro revela, portanto, uma “oscilação melancólica” (p. 37) que se combina à “angústia do ceticismo” (p. 39), como ocorre ainda em *A Rosa do Povo*: “a substância crítica de livros como *A Rosa do Povo* encerra, mais que uma ética, um *ethos* coerente com a conjugação de melancolia e ceticismo” (p. 39).

Com “Drummond e a Poética da interrupção”, Eduardo Sterzi começa lembrando que em parte da poesia de Drummond verifica-se um mesmo esquema narrativo, em que o conceito de interrupção revela-se central, razão pela qual, segundo o autor, “a *interrupção* pode ser entendida como princípio ético-estético, ou núcleo significante elementar, do que há de mais próprio e intenso, e válido para a posteridade, na poesia de Drummond” (p. 50). É a partir desse enquadramento crítico – pautado no sentido da obstância –, que o autor irá analisar o célebre poema drummondiano “No meio do caminho” (*Alguma Poesia*), em que a interrupção é mote central do poema. Semelhante interpretação aponta, entre outras coisas, para o vínculo da poesia de Drummond com a história, registrando um viés marcadamente realista de sua poética. Neste sentido, o autor analisa ainda outros famosos poemas de Drummond, como “A Máquina do mundo”, “Áporo” e “Procura da poesia”.

Em “Coisas fora do Tempo: a Poética do Resíduo”, Jerônimo Teixeira começa afirmando ser Drummond o poeta que trabalha a partir das sobras, dos restos que,

nas suas mãos se transformam em matéria poética, tudo resultando num curioso “efeito de *amontoadado*” (p. 97), característica sintetizada primorosamente em “Resíduos” (*A Rosa do Povo*), poema que o autor passa a analisar. E em “Poesia e Humor”, Ivone Daré Rabello detecta, em Drummond, sobretudo em seus primeiros livros, uma “atitude dramática dominada pela totalidade humorística e irônica” (p. 108), espécie de reapropriação da herança romântica. Em outros termos, a poesia de Drummond revelaria uma “dramatização irônica” (p. 110), que faz com que sua escrita se volte para as matérias simples da vida comum.

Finalmente, em “Espaço e Memória em *Boitempo*”, Chantal Castelli analisa os poemas que tratam da experiência escolar em *Boitempo*, livro, segundo o autor, em que se mesclam de modo indissociável ficção e memória, por um lado, e autobiografia (individual) e heterobiografia (social), por outro lado. Trata-se, em outras palavras, de uma obra de iniciação escolar, que se volta para o passado, constituindo-se como um “exercício de desmascaramento” (p. 126). Nesse contexto, o autor analisa poemas como “Fim da Casa Paterna” e “Adeus ao Colégio”, destacando a percepção da instituição escolar em Drummond como espaço que revela a “experiência da injustiça e da desilusão” (p. 150).

Trata-se, assim, de textos que embora pareçam “descompromissados” com o discurso acadêmico, compõem um conjunto de análises que não deixam de ter uma originalidade às vezes inesperada, sem alcançar, contudo, um fôlego analítico mais intenso, fato que, ao contrário de desmerecer o livro, apenas revela que uma poesia como a de Drummond admite tanto a visada erudita quanto leituras mais simples e inteligentes.